



PPRI

Partido Proletário
Revolucionário
Internacionalista



**GENOCÍDIO
na PALESTINA**

28/07/2024 / nº 46

As democracias e os governos burgueses servem de instrumentos de proteção e financiamento do genocídio palestino!

É com a ação direta e força coletiva das massas organizadas sob o objetivo atingir as bases do sionismo e imperialismo que se imporá aos governos o cessar-fogo imediato e o fim do genocídio!

 Em 7 de agosto, cumprem-se 10 meses de genocídio palestino em Gaza. Segundo a revista Lancet, estima-se sejam mais 186 mil os palestinos assassinados (direta ou indiretamente) nos últimos dez meses - 70% são crianças e mulheres. Essa carnificina televisada abertamente aos olhos do mundo é a nova fase da Nakba (catástrofe), que começou há 76 anos e que é marcada pelos massacres e expulsão de palestinos dia após dia.

Netanyahu foi aplaudido de pé no Congresso dos EUA. Caracterizou cinicamente o genocídio como se fosse uma obra civilizatória comum das “democracias ocidentais” e Israel. Disse ainda que “*Não há inocentes em Gaza*”. Enquanto discursava nos EUA, colonos israelenses realizavam pogroms contra palestinos para expulsá-los de suas casas e terras, e assim dar mais um passo na colonização da Palestina. Dias antes de sua viagem, o Parlamento israelense (Knesset) aprovou quase unanimemente que Israel não reconhecerá (e nem discutirá) o direito dos palestinos a terem seu estado.

As resoluções aprovadas e as palavras aplaudidas nessas “democracias” tem um objetivo comum: a limpeza étnica da Palestina, a “solução final” do sionismo para estender o estado artificial de Israel para todo o território palestino, além de fortalecer o enclave militar imperialista imposto de fora para dentro para controlar todo Oriente Médio e, assim, usufruir das riquezas e territórios em favor dos capitalistas imperialistas.

A defesa do holocausto palestino no Congresso dos EUA se complementa à impunidade que garante o governo e a burguesia imperialista francesas à delegação israelense nas olimpíadas. Muitos dos “atletas” desse país são ou foram soldados (em serviço ou da reserva) que participaram em alguma medida de massacres, torturas, pogroms, expulsões e torturas arbitrárias contra palestinos. Enquanto isso, media dúzia de atletas palestinos que concorreram aos jogos (300 foram massacrados pelo estado genocida) e serão impedidos de manifestarem seu repúdio ao genocídio e seus opressores.

Nesse mês que se encerra, no Brasil e em todo o mundo, contratos de compra ou entrega de armas foram realizados; barcos com produtos ou matérias-primas foram para

Israel; e as embaixadas sionistas continuam livres e impunes para fazer sua campanha terrorista contra os palestinos e suas famílias. A Corte Internacional de Justiça/CIJ resolveu reconhecer o genocídio, acusa Israel e seus governantes de crimes de guerra, exige a devolução dos territórios ocupados e um cessar-fogo imediato. Mas, a continuidade do holocausto palestino e a impunidade dos genocidas para agirem é garantida pelas democracias e os governos burgueses de todo o mundo. Se bem muitos reconhecem em palavras o genocídio, ou o direito dos palestinos a terem seu estado, todos eles em maior ou menor medida continuam financiando e enviando/comprando armamentos que engraxam a maquinaria sionista de extermínio que trucida vidas palestinas a cada hora. As democracias burguesas mostram-se em toda parte como servis instrumentos da burguesia que institucionaliza o genocídio e o financia, e aplaudem e protegem seus responsáveis.

Todos os partidos burgueses estão com as mãos pressas nessa política de ocultamento, silenciamento e negociar com o estado genocida de Israel. Isso se verifica ainda com os candidatos da frente ampla burguesa e da direita aliados ao governo de Lula/Alckmin que concorrem às eleições municipais, mas se silenciam sobre Palestina procurando atrair votos de apoiadores de Israel e dos direitistas. Calam-se para que continuem chegando os aportes milionários a suas campanhas de poderosas empresas defensoras do sionismo e fazem negócios bilionários com a permanência das relações entre Brasil e Israel. É a partir dessa concepção capituladora que se questiona o que se deve ou não romper com Israel, o que significa a troca das vidas palestinas por interesses eleitorais e comerciais.

Somente os explorados podem denunciar e combater o genocídio transformando suas palavras de ordem em ações e solidariedade concretas. Somente a irrupção das massas sob um plano de ação unitária e nacional (paralisando fábricas e portos interrompendo o envio de armas etc.) permitirá que se dê um passo pela derrota do sionismo/imperialismo.

A tarefa imediata colocada é impor aos governos e aos candidatos que se rompam todas as relações existentes com Israel, se expulsem seus diplomatas e que as massas operárias realizem assembleias e manifestações, ocupem portos e avenidas, paralisem fábricas e bloqueiem envios ou compras de armamentos, petróleo e tecnologia israelense etc. As manifestações de rua têm grande importância, porque projetam o movimento ao conjunto da população assalariada, e pressionam o governo a tomar as medidas necessárias.

A luta de classes não deve descansar nenhum minuto enquanto bombas e balas continuam massacrandos palestinos. É com essa orientação que a vanguarda e movimentos darão um passo para ajudar aos explorados a romper com a paralisia e silencio cumplice de suas direções políticas ou sindicais. Mas, também com suas ilusões nos partidos eleitoreiros que subordinam a luta contra o genocídio aos cálculos e alianças eleitorais.

É avançando na luta de classes que se abrirá uma via para que a estratégia revolucionária se unifique às tendências de luta das massas, criando condições para os explorados avancem no caminho da estratégia e programa da revolução socialista por toda parte.

Cessar fogo imediato e incondicional em Gaza! Fora o sionismo e o imperialismo da Palestina e de todo o Oriente Médio! Palestina Livre do Rio ao Mar! Fim do Estado de Israel! Por uma república soviética palestina! Por uma federação de estados socialistas no Oriente Médio!